

## PRIMEIRA CRÔNICA

• Rubem Braga

**E**STE velho cronista cumprimenta o povo e pede passagem. Não imagina ser uma esplêndida escola de samba nem um grande rancho, mas um modesto bloco sem muita fantasia lutando pelo seu lugar ao sol. Um bloco humano de opiniões, sentimentos, pequenos truques, alguns cacotes, algumas alergias, algumas ternuras. Desisti, há algum tempo, de consertar o mundo; mas permaneço um homem de boa vontade e quase sempre de bom humor. A idade me enjoou de algumas coisas, mas não me tirou nem o gosto da vida nem a paixão da liberdade. Em política, se querem saber, não sou nem revolucionário nem saudosista; aborreço antolhos e radicalismos e gosto de ver as coisas e os homens de um lado e de outro, e com certa calma. Penso que não convém exagerar nada, nem mesmo o bom senso.

Acabo de ler o livro «Drama de um Padre» de Isócrates de Oliveira, que hoje é diplomata de carreira e já foi padre. Quando ele deixou a batina escreveu uma carta dramática ao seu pai, dizendo: «Antes um bom cristão que um mau padre». Mas a frase sua que mais me impressionou foi quando ele conta que entrou no sacerdócio com a mais pura e santa das intenções, não pensava em dinheiro, em glória ou prazeres, queria um sacerdócio íntegro, feito só de abnegação, de imolação de si mesmo ao serviço das almas; e então diz com desalento: «Eu era um santo, nas esse santo não era eu».

O mínimo que posso dizer de mim mesmo é que também não sou santo; mas desconfio dos que me julgam devasso ou perverso. Procuro apenas ser um homem livre e um franco atirador, e como sou manso de coração gostaria de atirar sobretudo flôres sobre as cabeças humanas. Se às vezes mando alguma pedra ou calhau é menos para magoar que para chamar a atenção das pessoas que estão atropelando a vida dos outros por vaidade, ambição ou prepotência.

Os leitores mais velhos deste jornal sabem como sou, que já escrevi muito aqui. Volto com alegria à velha casa. Para começar, acho que chega; até outro dia.